

---

## **Circulação de Imagens do ‘Caso Jonatas’ nas Narrativas sobre Massacres no Campo<sup>1</sup>**

Suianne Gonçalves de SOUZA<sup>2</sup>

João DAMASIO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### **RESUMO**

O presente artigo apresenta as primeiras análises de uma pesquisa de iniciação científica sobre narrativas que envolvem imagens de situações consideradas inimagináveis, especificamente, no caso do presente artigo, de crianças assassinadas em conflitos no campo, quando mobilizam imaginários em sua circulação como catástrofes cotidianas. Com base na perspectiva metodológica das “imagens apesar de tudo”, de Didi-Huberman, o foco do trabalho recai sobre as imagens do caso de Jonatas Santos em três diferentes textualidades midiáticas, que apelam para estruturas mais profundas do social ao evocar imagens de outras crianças em situações de vulnerabilidade e também para imagens de um cotidiano perpassado por conflitos no campo. A pesquisa está relacionada com o conceito de “catástrofes cotidianas” e explora as imagens na relação entre textualidades, acontecimentos e temporalidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** massacres no campo; crianças; fotografia; imaginário; circulação.

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho apresenta as discussões em curso no projeto de pesquisa de iniciação científica intitulado “Circulação das imagens em narrativas do inimaginável”<sup>4</sup>, vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e ao projeto “Catástrofes cotidianas: explorações analíticas das articulações entre textualidades, acontecimentos e temporalidades”, inscrito pelo Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade (NARRA).

Partindo de conceitos trabalhados por autores como Ana Rosa (2017; 2019), Susan Sontag (2003), Didi-Huberman (2020) e Leal e Gomes (2020), é abordada aqui a circulação de imaginários a partir da imagem de Jonatas Santos, criança vitimada por uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFU, email: suianegoncalvesdesouza@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor substituto no Curso de Jornalismo da UFU, email: joadamasio16@gmail.com

<sup>4</sup> Projeto registrado através do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC-UFU).

---

situação de vulnerabilidade social relacionada a uma ordem de catástrofes cotidianas na realidade dos conflitos agrários no Brasil.

Para isso, primeiro vamos apresentar o caso de Jonatas Santos. Em seguida, realizar uma breve contextualização do que será compreendido neste trabalho como imagem e imaginário, além de outros conceitos caros a esta pesquisa em curso. E, finalmente, serão analisadas três materialidades ligadas ao caso de Jonatas e a forma como essas estão conectadas à circulação de imaginários.

## **2. JONATAS SANTOS**

O caso de Jonatas Santos está inscrito na realidade dos conflitos no campo. Conforme aponta o sociólogo José Tavares (2020) no artigo “Conflitos Agrários e violência no Brasil: Agente sociais, lutas pela terra e reforma agrária”, os conflitos fundiários são disputas e tensões relacionadas à posse, uso e distribuição da terra. Eles podem surgir por várias razões, como questões de propriedade, acesso aos recursos naturais, direitos de uso da terra, reivindicações históricas, questões agrárias, desapropriação, expansão urbana e muitos outros fatores. Esses conflitos em geral possuem complexas raízes históricas e socioeconômicas, eles fazem parte da formação do meio rural brasileiro, isso devido a um longo processo marcado pela concentração de terras e reformas agrárias que nunca chegaram a ser totalmente implantadas e que levaram a uma crescente ocorrência de casos de violência e massacres no campo, agravados por questões políticas e econômicas nos últimos anos. É importante compreender ainda que eles podem ocorrer em diferentes contextos, tanto em áreas rurais quanto urbanas, e envolver diversos atores, como proprietários de terras, agricultores, comunidades tradicionais, empresas, governos locais e nacionais.

Mesmo com o peso desses conflitos na constituição da sociedade brasileira, pouco se discute essa realidade. Tem destaque o acompanhamento de conflitos no campo realizado pela Comissão Pastoral de Terra (CPT) desde sua fundação em 1985. A organização publica um relatório anual com dados sobre conflitos, violências, assassinatos, massacres e manifestações vinculadas às questões agrárias. Entre as ocorrências registradas no relatório mais recente, relativo ao ano de 2022, nos chama atenção o caso de Jonatas Santos de nove anos, que foi assassinado no dia 10 de fevereiro de 2022 na zona rural do município de Barreiras (PE).

---

De acordo com os portais de notícias, mencionados adiante, o crime teria ocorrido por volta das 21 horas, quando sete homens encapuzados invadiram a casa da família, atiraram no pai do menino, Geovane da Silva Santos, e logo em seguida em Jonatas. O garoto foi morto pelos disparos enquanto se escondia com sua mãe embaixo de sua cama na casa em que morava no Engenho de Roncadorzinho, localizado na Zona da Mata Sul de Pernambuco, uma área conhecida pela concentração de engenhos que foram símbolo de poder econômico, mas que desde 1980 entraram em falência e hoje são alvos de disputa judicial. Segundo investigações realizadas posteriormente, o crime teria sido uma tentativa de retaliação de um grupo de traficantes contra seu pai, que se recusou a vender suas terras. Geovane Santos, uma das lideranças da comunidade e presidente da Associação dos Agricultores Familiares do local, foi atingido de raspão e sobreviveu ao ataque.

A propriedade da família já havia sido alvo de conflitos anteriormente e o aumento dos conflitos na área de Roncadorzinho já havia sido alertado para as autoridades governamentais anteriormente por órgãos atuantes na região. Contudo, foi somente após a morte de Jonatas que o governo criou o Programa Estadual de Prevenção de Conflitos Agrários e Coletivos<sup>5</sup> para prevenir conflitos agrários no estado, ligado à Secretaria de Justiça e Direitos Humanos, o que revela a força que a repercussão do acontecimento exerceu.

De acordo com os dados do relatório da CPT (2023), Jonatas não foi a primeira criança morta em meio a conflitos rurais. Contudo, neste ano de 2022, ele foi a criança mais jovem assassinada nesse processo. Sua história foi divulgada em portais regionais e nacionais de notícias, se tornando um dos símbolos da violência dos conflitos no campo, não só pela gravidade da situação que representa o assassinato de uma criança no meio desses conflitos que fizeram parte da sua constituição enquanto sujeito. Mas, também, devido à força das imagens e representações usadas para tratar do caso, imagens essas que apresentam um apelo de valor-notícia atuando quase como as fotos-choque de Susan Sontag (2003). Segundo a autora, fotos chocantes em sua crueza são usadas como forma de atrair a atenção, o espanto e a surpresa do leitor.

---

<sup>5</sup> Programa realizado pelo governador Paulo Câmara (PSB) que assinou um decreto destinando R\$ 2 milhões de investimento e se encontra no âmbito da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos. Ele tem o intuito de concentrar a política pública de apoio às pessoas ameaçadas em causas como os conflitos rurais.

---

Apesar de as fotos usadas nas coberturas jornalísticas do caso Jonatas não apresentarem o elemento do choque de forma escancarada como acontece, por exemplo, nas fotos do garoto Aylan Kurdi, que fora encontrado morto na praia de Kos em 2015 (ROSA, 2017), elas apresentam elementos que demarcam um imaginário da violência. Por isso, são capazes de nos afetar pelo olhar e de se constituir em símbolo para a questão dos conflitos no campo, ultrapassando a condição de registro do acontecimento específico a que o caso se circunscreveria.

### 3. CATÁSTROFES COTIDIANAS

É importante pontuar que o caso de Jonatas repercute o imaginário de outros conflitos no campo, além do imaginário de crianças em situação de vulnerabilidade e violência. Por isso, a presente pesquisa se propõe a investigar como ocorre a circulação de imagens e imaginários nessas narrativas do inimaginável<sup>6</sup>. Essa questão se inscreve no debate sobre o conceito de catástrofes cotidianas, segundo o projeto de pesquisa “Catástrofes cotidianas: explorações analíticas das articulações entre textualidades, acontecimentos e temporalidades” (LEAL, 2022).

De acordo com o projeto, as catástrofes não são acontecimentos isolados, mas acontecimentos que se distanciam do que é socialmente considerado como o “o cotidiano normal” (LEAL; GOMES, 2020). No escopo do projeto de pesquisa, é discutido como o termo “catástrofe cotidiana” tende a gerar estranhamento, uma vez que catástrofes estão em sua maioria ligadas ao inesperado e o cotidiano é tido como algo banal:

A expressão “catástrofe cotidiana” parece ser um oxímoro, especialmente quando tomamos o primeiro termo em seus sentidos mais usuais, que o relacionam ao acidental e ao imprevisto; e o segundo associado às ideias de rotina e banalidade. Precisamente por sua suposta contradição, essa imagem expressa de modo bastante intrigante, as experiências que muitas e muitos vivem no Brasil e no mundo. (LEAL, 2022)

A partir dessa conceituação, é proposto que a catástrofe se constitui no momento em que existe uma ruptura com o cotidiano, onde uma probabilidade não se efetiva, o que faria da “ação” ser o simples ato da manutenção de um hábito. Nesse sentido, a catástrofe deixa de ser o que entendemos como um grande “acontecimento” específico, para assumir

---

<sup>6</sup> A noção de “inimaginável” será discutida a seguir, conforme Didi-Huberman (2020).

---

o papel de um acontecer que está em aberto, se desenrolando no momento e atravessado por aspectos ideológicos, temporais e muitos outros (LEAL, 2022).

Dessa forma, buscamos compreender como a catástrofe se constrói no contexto no qual estamos inseridos, mas também a forma como as narrativas fazem parte dessa construção ao longo do tempo. Além disso, como a narrativa e o atordoamento se encontram nesse processo, já que o primeiro é comumente associado ao acontecimento da catástrofe que, na realidade é o próprio acontecer, o que faz com que narrativa, acontecer, catástrofe e atordoamento estejam indissociavelmente ligados (LEAL, 2022).

Outro ponto importante para o presente trabalho é a possibilidade de acionar outras narrativas de atordoamento para relembrar o próprio atordoamento, ou construir sentido sobre aquele que se constitui no presente contexto (LEAL, 2022). Dessa forma, outras catástrofes passam a fazer parte da construção das narrativas acerca dessas outras catástrofes que se constituem na temporalidade, um pensamento a ser elaborado de forma aprofundada nos próximos tópicos desse artigo.

Assim, para além da compreensão do assassinato de Jonatas como um acontecimento catastrófico com um começo, meio e fim, entendemos aqui o caso como um acontecer dentro da realidade de violências e massacres no campo, uma catástrofe cotidiana. Mesmo que o assassinato de Jonatas possa ser considerado uma grande catástrofe, um acontecimento específico, ele não se encontra isolado.

O caso do menino de nove anos é um acontecer em aberto que está se desenrolando no tempo e é influenciado por uma série de aspectos históricos, culturais, ideológicos, econômicos, sociais e tudo o mais que envolva as questões de massacres no campo e conflitos agrários. Assim, é uma catástrofe que se constrói na realidade em que vivemos e que faz uso de todas essas narrativas anteriores a ela para construir a sua própria. Ademais, o caso de Jonatas também faz o resgate de acontecimentos que envolvem a imagem e o imaginário de crianças, não só fazendo uso dessas, como faz do outro, mas também passando a constituir parte desses imaginários.

#### **4. DESIMAGINAÇÃO**

Este trabalho tem como foco olhar as imagens, sob a perspectiva teórica de Didi-Huberman (2020, p. 52), que aponta o surgimento de tais imagens como forma de suprir aquilo que o pensamento é incapaz de imaginar: “a imagem surge onde o pensamento – a ‘reflexão’, como dizemos tão acertadamente – parece impossível, ou pelo menos

---

suspensão: estupefato, aturdido”. Isso é, as imagens como parte constituinte dos imaginários coletivos.

Em seu livro “Imagens apesar de tudo”, Didi-Huberman (2020) analisa quatro fotografias feitas por membros do Soderkomando de Auschwitz-Birkenau realizadas com o apoio da resistência polonesa, em 1944. As fotos feitas clandestinamente conseguiram registrar uma parte do processo de gaseamento e extermínio da população judia. Nos capítulos iniciais, o autor nos traz uma visão de como seria a vida dessas pessoas e os horrores pelos quais elas passavam ao serem obrigadas a participar do processo de apagar o vestígio da existência de seu próprio povo.

O autor defende que, apesar de todo o sofrimento pelo qual os membros do Soderkomando passaram, eles tiveram a coragem de fazer esses registros fotográficos para que talvez as pessoas pudessem saber um pouco do que se passava em Auschwitz e dessa forma imaginar as atrocidades cometidas nos campos de concentração e extermínio. Por isso, ele defende que nós temos o dever de analisar essas fotografias como uma forma de “combater” a tentativa dos nazistas de apagar todos os rastros do que eles submetiam os judeus nesses locais (DIDI-HUBERMAN, 2020, p. 96).

Assim, seguindo o posicionamento de Didi-Huberman (2020), tomamos as imagens e representações do caso de Jonatas Santos, na mídia e em veículos jornalísticos, como parte da formação dos imaginários acerca da violência no campo, dos conflitos fundiários e da realidade de crianças em situação de vulnerabilidade. Dessa forma, a ausência dessas imagens e representações ou a recusa a analisá-las, possibilita que o assassinato de Jonatas seja colocado como algo inimaginável.

Por isso, é de grande importância para essa pesquisa o entendimento do processo de circulação como parte da formação desses imaginários. Como afirma Damásio (2023, p. 3), o que seria essa dinâmica do imaginário se não a circulação de sentidos como “obra coletiva” feita “ao longo do tempo”? Embora as imagens midiáticas, por vezes, ultrapassem certos limites éticos ou sejam criticadas pelo excesso das visualidades, a circulação de imagens na midiaticização contribui para uma elaboração dos imaginários que a elas são associados.

Analisando obras como o Atlas Mnemosyne e as pranchas de imagens feitas em diversos outros contextos culturais, Damásio (2023) nos propõe uma reflexão sobre como a aproximação de imagens traz à tona diferentes aspectos das imagens e convoca imaginários a partir das vivências individuais e coletivas de cada sujeito, de forma linear

---

ou sobreposta, o que acaba por sua vez por contribuir para a construção de novos imaginários acerca de determinados temas e acontecimentos. Segundo ele, “de certo modo, toda produção de imagens deve estar impregnada de sentido, portanto, de outras imagens” (DAMASIO, 2023, p. 7).

Nesse sentido, pensando os imaginários de crianças em situação de vulnerabilidade e de massacres no campo, e a circulação desses, faz-se presente o pressuposto de que as fotografias e vídeos convocam estruturas profundas do social, acionando imagens interiores já consolidadas no social (ROSA, 2019).

Isso significa que as imagens do caso de Jonatas não surgem completamente isentas de significado, mas trazem consigo estruturas anteriores a ela, evocando a imagem de outras crianças em situação de vulnerabilidade e ainda imagens de outros casos de massacre e violência no campo, configurando o que Rosa (2017; 2019) chama de imagem-totem.

De acordo com Rosa (2019), a imagem-totem é uma imagem que não pode ser quebrada e resiste ao tempo protegida pelo coletivo. Ela aponta que, no processo de circulação, outras imagens não conseguem concorrer com a imagem-totem, como é o exemplo da fotografia de Aylan Kurdi já citada anteriormente, uma vez que quando falamos de crianças em desastres ou relembramos a guerra na Síria é sempre ela que é trazida à tona. Assim, compreendemos que a imagem-totem é a imagem que se torna um símbolo, uma parte da iconografia que construímos particular e coletivamente.

Ademais, as imagens-totens resgatam significados de outras imagens e se apropriam deles para a construção de imaginários, não permitindo outras reproduções que fujam da sua principal proposta e quando as reproduções o fazem elas são rechaçadas e ignoradas (ROSA, 2017). Trata-se da capacidade de fantasmagoria que essas imagens adquirem, quando uma imagem acaba atuando como um fantasma de outras imagens produzidas posteriormente, adquirindo vidas póstumas.

Seguindo esse pensamento, compreendemos as produções jornalísticas a serem analisadas posteriormente sobre o caso de Jonatas não de forma individual, derivadas uma da outra ou completamente opostas, mas como produções que apesar de usarem diferentes reproduções imagéticas contribuem, cada uma a sua forma, para a formação de um imaginário acerca de uma catástrofe que de outra forma seria considerada inimaginável.

Contudo, compreendemos também que as imagens e representações do caso de Jonatas Santos além de contribuírem entre si para a construção dos imaginários sobre esse

caso em específico, também fazem resgate de imagens de outros casos de crianças e de situações de violência no campo para fazer a construção dos seus imaginários assim como sua circulação contribui para a construção de imaginários desses outros casos. Portanto, é de interesse desse trabalho entender como ocorre a circulação dessas imagens e imaginários.

Assim, buscamos entender, por meio da perspectiva teórica de Didi-Huberman (2020), como as imagens do caso contribuem para a formação dos imaginários sobre a violência em conflitos do campo. Destarte, seguindo ainda essa linha, compreendemos também pela perspectiva de Ana Paula da Rosa (2017; 2019), se e como o caso de Jonatas pode se constituir como uma imagem-totem. De outro modo, as fotografias e representações do caso tem a força das imagem-choque de Susan Sontag? Elas se perpetuam no tempo e inibem a criação de novas reproduções ou representações do caso? Elas assumem um papel de fantasmagoria em outros casos? A análise a seguir não pretende esgotar essas questões, mas ajudar a melhor elaborá-las.

## **5. ELABORAÇÃO**

A partir das perspectivas teóricas e conceitos apresentados anteriormente, esse trabalho se propõe a analisar três materialidades vinculadas e veiculadoras do caso de Jonatas Santos, são elas: a) a notícia “Criança é morta em ataque a família de líder comunitário, na mata sul de Pernambuco”, assinada pelo jornalista Rodolfo Rodrigo, no jornal online Brasil de Fato, no dia 11 de fevereiro de 2022, um dia após a morte de Jonatas; b) a reportagem “Caso Jonatas: Sem dono, terras de ex senhores de engenho geram conflitos sangrento em PE”, assinada pelo jornalista Carlos Madeiro, do UOL, e repostada no site da Comissão Pastoral da Terra no dia 22 de fevereiro de 2022, como forma de aprofundamento jornalístico no caso e; c) o artigo “Jonatas e o Massacre no Campo” assinado por Gabriel Lui (coordenador de uso da terra do Instituto Clima e Sociedade, ex-diretor do Ministério do Meio Ambiente e do ICMBio) e Renato Sérgio de Lima (professor da FGV EAESP e diretor presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública), e publicado no site da Revista Piauí no dia 25 de fevereiro de 2022, como reflexão que amplifica a lente com a qual a sociedade observa o caso Jonatas.

Tomando como ponto de partida a notícia publicada no jornal online Brasil de Fato, é possível observar logo na manchete “Criança é morta em ataque à família de líder comunitário, na mata sul de Pernambuco” e posteriormente nas fotos para a reportagem,



a escolha por tratar o caso de forma mais distanciada, dando maior foco para a relação do caso com os conflitos fundiários na região. Além disso, podemos observar essa tendência também no fato de que apesar da referência a Jonatas seu nome só aparece três vezes em todo o material (no lead da notícia, no segundo parágrafo e na legenda de uma das imagens), no geral nota-se a preferência por tratar Jonatas como “a criança”.

A distanciação da figura de Jonatas e aproximação da questão dos conflitos fundiários também é visível na escolha das imagens ao longo da notícia. A primeira imagem a aparecer é uma foto em plano aberto da cama e do quarto onde Jonatas foi assassinado. Na segunda imagem vemos um plano um pouco mais fechado, mas desta vez o colchão está fora de cena, mostrando apenas o estrado da cama e o local onde teria acontecido a cena do crime. Por fim a última imagem mostra o buraco de uma bala no chão. A escolha por essas fotos e decisão de colocá-las nesta ordem específica denota a intenção consciente ou não do jornalista de contar a história do crime quase que de forma descritiva dos acontecimentos, levando o leitor a pensar o acontecimento em uma determinada sequência de acordo com o texto.

Figura 1 – Compilação das imagens apresentadas na notícia Brasil de Fato



Fonte: Brasil de Fato / Rodrigo (2022).

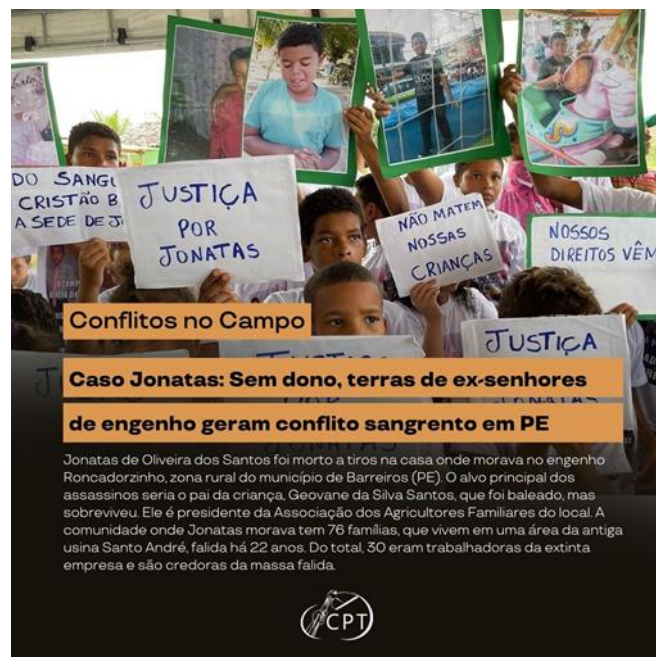
É interessante notar como a montagem das imagens lado a lado (DAMASIO, 2023) gera formalmente o efeito de close induzido pela edição da notícia, que privilegia uma imagem indicial – isto é, uma sequência de fotografias com os índices da violência ocorrida, tendo como base material produzido por agentes pastorais da CPT.

Na segunda materialidade, a reportagem “Caso Jonatas: Sem dono, terras de ex-senhores de engenho geram conflito sangrento em PE”, produzida para a UOL e repostada

no site da Comissão Pastoral da Terra, observa-se uma abordagem mais direta do caso de Jonatas. Seu nome é usado logo na manchete e aparece outras quatro vezes ao longo da reportagem. Além disso, assim como a notícia do Brasil de Fato, a reportagem da UOL também dedica uma parte de seu conteúdo a destrinchar a relação do caso de Jonatas com a questão dos conflitos fundiários de forma ainda mais profunda, fazendo um recorte histórico da situação.

A imagem escolhida para acompanhar a reportagem também denota a intenção de uma produção mais próxima ou apelativa do caso. Isso porque a imagem é na realidade uma montagem da fotografia de crianças em uma manifestação pela reivindicação de justiça no caso de Jonatas, e por cima da imagem foram colocados textos explicativos sobre o crime e a logo da CPT.

Figura 2 – Imagem de crianças em protesto por justiça pelo assassinato de Jonatas



Fonte: CPT / Madero (2022).

Aqui, observamos que não somente a imagem de Jonatas, antes apenas indicial, se multiplica em cartazes de protesto, como também o foco está no ato realizado simbolicamente por outras crianças, tão parecida com Jonatas. Como pontua Rosa (2019), são as estruturas profundas de um imaginário sobre crianças que são feridas e acionadas na circulação midiaticizada.

Por fim, na última materialidade escolhida para análise, o artigo publicado na Piauí “Jonatas e o massacre no campo”, observamos que o caso é trazido já como parte de um imaginário acerca da violência em conflitos fundiários e das crianças em situação de vulnerabilidade. Isso pois, ao invés do uso de fotos ou montagens, logo no início do artigo o leitor é recebido por uma ilustração de um menino deitado ao lado de uma bola de futebol murcha, o que remete o leitor ao imaginário de violência infantil, e fios de arame farpado, que denotam uma ligação com o campo.

A ideia de que o caso é trazido na Piauí como forma de evocar um imaginário pode ser ainda confirmada quando analisada o restante do artigo, que pela própria definição como gênero textual, tem viés argumentativo. Isso pois, a história de Jonatas é apresentada logo no início funcionando quase como um gancho para um debate aprofundado a respeito da questão da violência no campo e atuais possíveis medidas para redução dessas. É possível observar esse ponto logo no último parágrafo do artigo onde os autores apontam que o caso de Jonatas dá feições para a questão dos conflitos fundiários:

Em suma, os números de violência contra agricultores familiares e povos e comunidades tradicionais, que têm sido ameaçados e atacados na defesa dos seus territórios, ganham feições na morte de Jonatas, que, por sua vez, dá a dimensão da tragédia fundiária no meio rural brasileiro (LUI; LIMA, 2023).

Figura 3 – Ilustração presente no artigo da Piauí sobre o caso Jonatas



Fonte: Piauí / Lui e Lima (2022).

Assim, como Didi-Huberman (2020) aponta a respeito das “imagens apesar de tudo”, cada reprodução contribui para a circulação do imaginário sobre o caso de Jonatas e é igualmente essencial para a compreensão de que crimes violentos como esse são uma realidade cotidiana no campo e eventualmente podem atingir todos que vivenciam essa realidade. Portanto, a produção e reprodução dessas imagens possuem um papel fundamental para a constituição do caso de Jonatas, mesmo que não sejam imagens chocantes ou do momento do acontecimento em si, como acontece com as fotografias do Soderkomando analisadas por Didi-Huberman (2020), ou as imagens de Aylan Kurdi estudadas por Rosa (2019).

Nesse sentido, tomando em consideração as análises levantadas sobre as materialidades indicadas para o presente trabalho e a cronologia de produção e publicação destas, podemos observar que existe em todos os casos um certo grau de cuidado ao falar sobre Jonatas ou trazer imagens e representações sobre o caso. Contudo, é evidente que esse cuidado se apresenta de diferentes formas, enquanto na primeira produção observamos um tom impessoal, na segunda e terceira materialidades é possível observar o uso de imagens que remetem de fato a Jonatas, além de evitar termos como “criança” e “garoto” preferindo o uso do nome de Jonatas.

Para além da questão ética da reprodução de imagens do assassinato de uma criança, essa mudança observada na forma de cada materialidade ao citar Jonatas e trazer representações imagéticas sobre ele pode também ser visto como resultado de um processo de consolidação do caso como parte do imaginário da violência no campo e da violência contra crianças. A notícia do Brasil de Fato apresenta os acontecimentos do crime de forma direta e objetiva, trazendo fotos que não remetem o leitor a Jonatas, mas sim a cenas de violência e até mesmo a questão latifundiária. A reportagem do UOL reconhece a história de Jonatas como um personagem importante para a questão fundiária quando faz uso da imagem com crianças em um protesto pedindo por justiça contra o crime. Já o artigo da Piauí, além de reconhecer Jonatas como faz a UOL, faz uso de uma ilustração e com ela consegue acionar todos os imaginários trabalhados pelas outras materialidades e agregar ainda um valor cultural e em certa medida sentimental à produção.

Como citado anteriormente, as imagens do caso de Jonatas não possuem a crueza criticada por Susan Sontag (2003) para ser considerada como uma imagem-choque. Além

disso, seguindo a definição de Rosa (2019) acerca das imagens-totens de que “a imagem se configura no próprio fato, sendo que as remissões feitas a ele são, na verdade, feitas em relação à imagem”, entendemos que não podemos afirmar que as imagens do caso de Jonatas se consolidem enquanto imagens-totens. Visto que nas materialidades estudadas não há a valorização de uma imagem ou representação específica que seja capaz de ela sozinha atuar como um símbolo da violência infantil nos conflitos agrários.

Entretanto, o caso de Jonatas na sua totalidade e a escolha das imagens em conjunto com suas legendas e manchetes, nas materialidades observadas, contribuem para a construção do imaginário de Jonatas que, como observado no artigo da Piauí, aciona uma imagem-totem dirigida para a discussão da questão da violência no campo e dos afetos que envolvem a infância.

Nesse sentido, pensando os imaginários de crianças em situação de vulnerabilidade e a circulação desses, faz-se presente o pressuposto de que as fotografias e vídeos convocam estruturas profundas do social, acionando as imagens interiores já consolidadas no social (ROSA, 2019). Assim, as imagens do caso de Jonatas não surgem completamente isentas de significado, mas trazem consigo estruturas anteriores a ela, evocando as imagens de outras crianças em situação de vulnerabilidade e ainda imagens de outros casos de massacre e violência no campo, como acontece na ilustração da Piauí que retoma a questão fundiária e na reportagem da UOL onde a imagem de crianças em protestos evocam imaginários de crianças envolvidas em guerras e situações de vulnerabilidade.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista tais perspectivas teóricas e metodológicas, além das análises realizadas, fica claro que os objetivos do presente trabalho ainda em desenvolvimento se dirigem a compreender como acontece a circulação das imagens no caso de Jonatas e que iconicidade se forma nesse processo, além de questionar os limites da construção de narrativas fotográficas envolvendo crianças em situações catastróficas.

Por meio da perspectiva de Didi-Huberman (2020) sobre a importância das imagens contra o inimaginável com o qual temos de lidar enquanto sociedade, compreendemos que as fotos e representações do caso Jonatas nos colocam diante dos imaginários das violências no campo e contra crianças em situação de vulnerabilidade.

Também entendemos como as imagens de Jonatas evocam outros imaginários e fazem parte da construção de tantos outros. De certo modo, a circulação das imagens de Jonatas vão além do paradigma das foto-choque (SONTAG, 2003).

Por fim, é importante ressaltar que essa pesquisa se propõe a analisar posteriormente outras materialidades relacionadas ao caso de Jonatas e compreender como ocorre a circulação destas e de outras representações entre elas. Isso a fim de compreender como ocorre a formação de iconicidades nesses processos e a importância delas.

## REFERÊNCIAS

CPT. **Conflitos no campo Brasil 2022**. Goiânia: CPT Nacional, 2023.

DAMASIO, J. Pranchas de imagens em circulação: explorando as iconicidades do imaginário na midiatização. In: **Experimentações metodológicas em circulação, imagem e midiatização** (no prelo). São Leopoldo: Unisinos, 2023.

DIDI-HUBERMAN, G. **Imagens apesar de tudo**. Trad. Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. São Paulo: Editora 34, 2020.

LEAL, B. S. (coord.). **Catástrofes cotidianas**: explorações analíticas das articulações entre temporalidades, acontecimentos e textualidades (projeto de pesquisa). CNPq (Edital Pró-Humanidades 2022), 2022.

LEAL, B. S.; GOMES, I. M. M. Catástrofe como figura de historicidade: um gesto conceitual, metodológico e político de instabilização do tempo. In: MAIA et al. **Catástrofes e crises do tempo**: historicidades dos processos comunicacionais. Belo Horizonte: UFMG, 2020, p. 31-52.

LUI, G.; LIMA, R. S. Jonatas e o Massacre no Campo. **Piauí**, online, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/jonatas-e-o-massacre-no-campo/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

MADERO, C. Caso Jonatas: Sem dono, terras de ex senhores de engenho geram conflitos sangrento em PE. **Comunicação Pastoral da Terra**, online, 22 fev. 2022. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo/5939-caso-jonatas-sem-dono-terras-de-ex-senhores-de-engenho-geram-conflito-sangrento-em-pe>. Acesso em: 30 jun. 2023.

RODRIGO, R. Criança é morta em ataque a família de líder comunitário, na mata sul de Pernambuco. **Brasil de Fato**, online, 11 fev. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/11/crianca-e-morta-em-ataque-a-familia-de-lider-comunitario-na-mata-sul-de-pernambuco>. Acesso em: 30 jun. 2023.

ROSA, A. P. Imagens que pairam: A fantasmagoria das imagens em circulação. **Famecos**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. e31605, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/31605>. Acesso em: 30 jun. 2023.

---

ROSA, A. P. Tensões entre o registro e a encenação: a imagem de Aylan Kurdi e sua constituição em totem. **Observatório**, [S. 1.], v. 3, n. 1, p. 327–351, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/2936>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **Conflitos agrários e violência no Brasil**: agentes sociais, lutas pela terra e reforma agrária, 2020. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rjave/paneles/tavares.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2023.